



Quinzenario pedagogico, literario e científico

ORGAO DAS NORMALISTAS DE LISBOA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua Luis de Camões, 34, 3.º

Não se restituem os autografos

DIRECTORA: IRENE VIEIRA LISBOA

REDACTORA GERENTE: ALICE BARBOSA E OEIRAS

Propriedade da Empresa da **EDUCAÇÃO FEMININA**

EDITORIA: ILDA MOREIRA

Composição e impressão na tipografia A NACIONAL
38, Rua da Conceição da Gloria, 40 — Avenida — Lisboa

AVISO

A nossa Redacção e Administração que provisoriamente tem estado na R. do Comercio 31, 3.º mudou-se para a R. Luis de Camões 34, 3.º, Lisboa, onde assenta definitivamente.

O numero 7 da Educação Feminina só sae depois de concluidos os exames nesta Escola afim de podermos dar um relato preciso de todas as classificações finais dos cursos que se completam.

EXPEDIENTE

Está terminada o primeiro trimestre da Educação Feminina e os nossos recursos esgotados. Participamos a todas as Ex.ªs Snr.ªs e Snrs. a quem temos enviado o nosso jornal e ainda não pagaram que, se desejam ser assinantes e continuar a receber o jornal, devem quanto antes satisfazer a respectiva importância.

Equalmente avisamos todos os Ex.ªs assinantes que devem satisfazer o mais breve possível a sua assinatura do 2.º trimestre, a fim de o jornal poder continuar a viver.

Muito obrigadas nos consideramos áqueles que nos satisfizerem sem demora este importante pedido.

Aos nossos Ex.ªs annunciante deixamos aqui o aviso de que só consideramos suspensos os seus anuncios no caso de recebermos o aviso prévio.

Concessões imerecidas aos professores primarios e secundarios

Ex.ª Sr.ª Directora da Educação Feminina

Peço a V. Ex.ª se digne publicar no seu apreciado jornal estas linhas. Sciente de que V. Ex.ª tomará em consideração este assunto desde já lhe agradeço.

Não começo por dizer banalidades, enaltecendo este com epitetos elegantes, ou vilipendiando aquele com considerações desagradáveis, não, o meu fim é dizer o que sinto porque me parece concertado.

Não devia esperar-se que a Republica em tão pouco tempo resolvesse todas as questões sociais, transformando e beneficiando a sociedade portuguesa; isso não podia acontecer, porque o mal penetrou muito, sendo por isso mister empregar curativos energicos e edificantes para que ela adquira um estado de equilibrio que nos permita então entrar verda-

deiramente no caminho do progresso, a par das nações civilizadas da Europa.

Por isso acho que todos os bons portugueses não deverão recusar o seu apoio aos governos dignos.

Mas, se é um dever patriótico apoiar as boas medidas governamentais, não é menos logico e patriótico que o nosso protesto seja energico e veemente, todas as vezes que os governos saiam por qualquer motivo do campo da moralidade e da justiça, para entrarem no caminho lodoso do favoritismo e do interesse.

Assim, eu não posso concordar com a concessão extraordinaria que o «Congresso da Republica» fez aos ex-professores dos centros republicanos.

Chamei-lhe extraordinaria, mas é mais do que isso, é repugnante.

Devem concordar que é revoltante essa desigualdade em que ficou o professorado primario com a concessão feita a um grupo especial, pela imoralidade que deve revestir o acto da preferencia dos menos classificados aos professores de maior valor intelectual comprovado pelos seus diplomas e pelos seus bons serviços.

Os professores beneficiados não devem ser dos mais classificados, evidentemente se o fossem evitariam receber uma protecção que em nada os honra a eles, nem a quem lhes a concedeu. Também não se esqueceram ainda da dificuldade que havia no tempo da monarchia em obter cadeiras do magisterio primario, resultando daí que aqueles que eram classificados com menos de «quinze valores» difficilmente obtinham colocação, a não ser por meio de actos de protecção e favoritismo como este que acabam de praticar.

Mas, de que ordem seriam os professores dos centros republicanos antes de implantada a Republica? Seriam dos mais classificados, ou seriam destes abortosinhos que não podem fazer mais que inutilisar crianças e atrofiar espiritos?

Eu concordo que deverá haver nesse grupo de professores alguns de merito, mas não lhes reconheço na sua generalidade, meritos e feitos heroicos tais que os habilitem a receber um beneficio, que representa um violento ataque á moralidade e ao brio dos bons estudantes, etc.

Conclusão, sendo bons professores não precisavam de beneficio, sendo professores deficientes não o mereciam tornando-se portanto repugnante em tais condições e pelo numero de victimas que lhes vai cair nas mãos, nos grandes meios, onde é indispensavel que haja professores ilustrados e de reconhecida competencia, quer sob o ponto de vista moral, quer sob o ponto de vista intelectual.

Acho que o «Congresso» fazendo esta concessão a estes professores, não hesitará tambem em conceder aos atuais professores interinos dos liceus, admissão aos concursos para professores efectivos dos mesmos, como eles pediram, não se lembrando sequer de que as Faculdades de Letras e Ciencias é que têm autoridade e como fim preparar professores para os liceus, não se lembrando sequer de que já a monarchia havia extinguido tais processos, não se lembrando ainda do estado sobrecarregadissimo em que a Republica nos deixou com o aumento extraordinario das propinas, parecendo mais as Faculdades serem

Colegios de Nobres do que institutos de educação popular.

Se os atuais professores interinos dos liceus, provarem com documentos assinados por A ou por B que estiveram na Rotunda em 10 de Outubro, então certo é que as bichas pegam; mas não se esqueçam de trazer cartas de recomendação para o Dr. José Maria Rodrigues que conhece muito bem os baixareis que «ego tibi quoque», para o Dr. Silva Cordeiro, Dr. José Leite, etc., etc. os quais de certo não faltarão á tosquia.

A. C.

(Do Curso Superior de Letras)

Ao chorares por minha vida
recebi o pranto teu,
como a terra resequida
recebe o pranto do ceu!

DE GOMES LEAL

A um primeiro cabelo branco

I

Cabelo branco primeiro,
Primeira nuvem no ceu...
Primeiro pranto e aguaceiro
De um coração que sofreu!

II

Primeira pena caída
De um cisne n'uma lagôa...
Primeira ilusão perdida,
Primeira pluma que vóa!

III

Primeira folha que o vento
Arrebatou de um rosal,
Primeiro ai ou lamento
— D'ave que deixa o pombal!

IV

Primeiro ai na sonáta,
Primeiro amoroso choro,
Primeiro fio de prata
— N'um tear de seda e ouro!

V

Primeiro degrau da escada
Que se subiu da Tristeza...
Primeira folha prateada
— Da Biblia da Natureza!

VI

Primeiro lirio num dia
Cheio de luz e rumor...
Primeira melancolia,
— Primeira neve na flôr!

VII

Primeira corda que estala
Numa Lira de marfim,
Lagrima ideal que resvala
— Na face de um serafim!

VIII

Primeiro pranto que róla
Na Ladainha da Magua...
Primeira flôr que se estiola,
— E primeira gota d'agua!

IX

Primeiro frio do Amor,
Talvez primeiro martirio...
Primeira rosa sem côr,
— Primeiro gelado lirio!

X

O' primeiro frio eterno!
O' primeira folha d'héra!
Não és o gear do inverno...
— E's pranto da primavera!

A Escola

IV

O Educando; o meio familiar

Os variados aspectos com que se nos apresenta a criança ao entrar na Escola proveem da educação que ela recebeu na familia. Na maioria dos casos essa educação não teve sequer um fim; encheram o espirito da criança com as regras de conduta que a rotina consagrou; muitas vezes essas mesmas regras foram abandonadas e não substituidas e a criança ficou á mercê do meio extra familiar. Porque, na verdade, a criança ocupa na familia um lugar secundario. Os pais preocupam-se muito com o futuro dos filhos, mas descaram o seu presente, na melhor boa fé. Para que o espirito se possa concentrar nas visões longinquas de um futuro cheio de felicidade—traduzida num bom emprego publico ou em belos rendimentos sobre papeis igualmente publicos—é necessario que a criança não ocupe esse espirito com os mil cuidados de educação que exige. É necessario que obedeça e que se abitude desde já á sisudez e á pose conselheiresca, na sala, no jantar, no passeio. Isto para as classes remediadas.

As classes pobres, essas não tem tempo para cuidar da pequenada que surge como os cogumelos na humidade. E, como o pai tem a officina e a mãe a fabrica ou o amanho da casa, lá está a rua onde essa pequenada—de espirito ávido e aberto a todas as idéas e inovações—vai beber a educação que o ha-de levar pela vida fóra, aos baldões da ignorancia e da prepotencia dos outros.

Se com a mudança, o lucro não foi grande, a perda tambem não.

A sociedade não pôde dirigir um espirito; a familia não sabe! E, como não sabe, o mais

que faz é imbuí-lo dos erros antigos ou deixa-lo abandonado a si próprio, permitindo-se corrigi-lo um pouco, de quando em quando, com a expressiva promessa de «dou-te uma sova, que te melo!»

¿E os resultados?
Vemos, na aula, um grupo de crianças. Dizemos: se são recrutadas no mesmo meio, como é natural, devem ter *modos de ser*, senão iguais, pelo menos parecidos. Puro engano: nada mais heterogenio que esse grupo de crianças!

Pensamos ainda; Então ha erro! é o *genio* particular de cada criança que resalta, e a influencia do meio... é uma *blague!*—ainda outro engano. Se conseguissemos—como algu mas vezes se consegue, depois de arduo e bem orientado trabalho—fazer que o *genio* particular das crianças se manifestasse—apesar de *tudo*—ve-las-iamos como um todo, não uniforme, mas harmonico,—liberdade que fosse o espirito das razões que provocam os maiores defeitos das crianças: a hipocrisia, a inveja, a mentira e outras manifestações artificiais da vida social.

¿Estes defeitos existem *inatos* nas crianças? Ha quem duvide; eu nego.

Examinando a parte *não civilisada* da natureza podemos encontrar nela a *franquesa rude*, a *brutalidade* até, mas não achamos motivo para mentir; a *selvageria* póde atingir a *ferocidade*, mas não tem hipocrisia. Porém, a par e passo que examinamos as civilizações ainda embrionarias, e depois mais desenvolvidas, começamos a achar o germe da traição, do dolo e—o que é pior—a ver a necessidade da sua existencia,—necessidade, é claro, só justificada para a conservação dessas sociedades imperfeitas.

E é natural; a mentira, a hipocrisia, a subserviencia eram—e são—as armas dos fracos, com que, muita vez, conseguiam—e conseguem—subjugar os fortes: a inveja, a vaidade, etc., são simples corolarios das *qualidades* superiores. Estas *qualidades* aparecem e vão-se desenvolvendo, ao mesmo tempo que as sociedades, nas quais existe, desde a noite dos tempos, a desarmonia e a imperfeição.

¿Póde-se por isso dizer que essas *qualidades* são *inatas* e, por tal, *naturais*, quando, em virtude delas, o homem se afasta cada vez mais da natureza e não consegue realizar em si a harmonia que nela se admira? Seria isso confessar que a humanidade é, ingénitamente má, quando, apesar dos seus defeitos, tudo nos mostra o contrario.

Se a criança não tem defeitos *inatos* e se os apresenta ao entrar na escola, de algures lhe vieram; ¿donde, senão da familia que a não soube educar? Tanta mais razão ha nisto que o grande desenvolvimento da familia e as suas condições economicas influem visivelmente na criança.

Ha-as timidias, delicadas, — frageis — com idéas extravagantes sobre os seus deveres— ás vezes bem ridiculos—que cumprem como quem cumpre uma intimação do céu; descortina-se atraz dela a familia abastada ou remediada, cheia de preconceitos, incapaz de uma idéa nova, que rodeou o *menino* ou *menina* de mimos e severidades, absurdos que ela

propria não sabe justificar. Onde existe o espirito primitivo desta criança?

Ha as obtusas e doces, casmurras e inconscientemente revoltadas, perfidas e ladinas; outras impenitentemente desliais e mentirosas, ladras e traicoeiras; outras de almas sinceras e boas, mas desleixadas, sem idéa do valor proprio, duvidando dele, duvidando de tudol

Ha muito mais do que isto e, atraz de cada uma ver-se-á a familia ou a rua!

Ver-se-á o pai castigando barbaramente a pequena falta do filho, atemorizando-o com a sua brutalidade autoritaria ver-se-á a familia em que o *menino faz o que quer*, na creença de que essa é a melhor educação; ver-se-á o lar burguês, preconceituoso e vão; ver-se-á o lar proletario, miseravel e desmoralizado, onde tudo é desordem, ralhos e desconforto!

E depois de tudo isto, a rua, com os seus exemplos, as suas tentações, onde a criança se vê desconhecada, solicitada pelos seus vicios e onde imita—para se dar a si propria uma força moral de que tanto necessita—o que os homens teem de pior! Isto nas classes pobres e, especialmente, nos grandes centros.

«Um inferno!...» murmura a leitora atemorizada, crendo ler fantasias...

Um inferno, sim! e muito além do que ficou escrito; um inferno onde a miseria moral não é menor que a miseria material...

Pois é este inferno que é preciso extinguir! E' da criança que sai deste inferno, com o germe de todos os vicios, sem caracter, sem vontade, que é preciso fazer o *homem que sente, que pensa, que quer!*

¿De que meios podemos dispôr para isso? E' o que procurarei esboçar no proximo numero.

Antonio Luis Filipe

(Da Escola Normal de Lisboa)

Um despertar de creanças é um desabrochar de flôres; parece que daquelas almas frescas se evolva um perfume suavissimo.

Vitor Ugo

Maria

Maria, o teu olhar profundo e triste, Mais profundo e mais triste do que o mar, Tinha a primeira vez em que me viste Uma expressão tão meiga e singular, Que tu quasi chorando me sorriste, E eu tambem te sorri quasi a chorar...

Depois o teu olhar ficou mais triste, Muito mais triste do que o meu olhar.

Pereira Barreto

RIMAS...

Ao lembrar-me de Coimbra, meu peito chora saudades por essa terra tão linda, a mais bela das cidades!

de ternura, á curiosidade ávida das mocidades de hoje, que a prosa da época torna sabias e calculistas em materia de amar...

Meu amor,

Corro estes caminhos chamando-te sem descanço e é tal a minha loucura, que julgo ouvir em cada éco indistinto que a minha voz arranca a essas fragas, um nome,—o meu nome, que a tua voz profere com imensa doçura e com infinita piedade...

Que tortura sem nome! Enche este espaço infinito com os meus suspiros e os meus clamores, tenho alucinações duma verdadeira louca e ás vezes caminho, caminho sem destino em busca da felicidade que perdi, do meu amor que me abandonou!

Tem piedade das minhas lagrimas, lagrimas contritas e sinceras dum coração que se estiola á mingua dos teus carinhos e dos teus beijos! Ainda tenho nos labios o queimor desses fervidos beijos, que os nossos corações tão unidinhos como os nossos labios, entoavam como um ino—o ino da mocidade,—a eterna melopêa da ventura...

E partiste um dia... partiste cheio de ma-gua, fugiste me como um doido, amaldiçoaste-me como um desesperado.

Meu amor, meu amor! Se a tua vida era o

Lembram-me esses estudantes de capas soltas ao vento, que nos seus ternos descantes nos prendem o pensamento...

E no formoso Mondego passo horas a scismar, —escutando em doce enlevo o seu triste murmurar...

Gabriela de Moraes Pinto.

De Ramalho Ortigão:

JUIZO FINAL

—Eu cantei! disse chorosa a cigarra.
—Eu poupei, disse a avida formiga.
E Jeová disse: —*Escondam-me num buraco do chão esta gorda capitalista! Deem umas azas e ponham triumphante ao sol, numa olacia em flor, a essa palida cantadeira!*
Moralidade: *E' melhor consolar que enriquecer.*

Conferencias e praticas

Continuam se realisando nesta Escola as já mencionadas conferencias pedagogicas, das quais me occuparei hoje, dando um breve resumo de cada uma delas e começando pela da sr.^a D. Ana Zuzarte, que interessadamente dissertou sobre «vantagens das excursões pedagogicas».

A conferente começou por definir pedagogia, citando a influencia que esta parte da ciencia tem sobre a natureza do homem durante a evolução das suas faculdades intellectuais e morais.

Cita em seguida os cuidados que a pedagogia tem merecido aos povos mais civilisados, tais como a Belgica, Suissa, Alemanha, França e Inglaterra, e entrando propriamente no tema da conferencia, aponta as vantagens das excursões pedagogicas quer como auxilio suave e ameno da cultura intellectual, quer como precioso meio de educação moral e fisica.

Sobre suprestigiões e preconceitos sociais falou a sr.^a D. Ester dos Santos.

Alargando-se bastante no campo das superstições a conferente cita inumeras, apontando-as como prova irrefutavel da ignorancia dos povos e como nefasto papel que desempenham na sociedade.

Entrando nos preconceitos, ataca e condena o vicio de fumar, fazendo vêr os prejuizos que este produz no organismo, além dos inconvenientes materiais que ocasiona.

A sr.^a D. Maria Mercedes Delgado dissertando sobre «mutualidade escolar» fez a apolo-gia das caixas escolares, mostrando os beneficios que certamente prestariam todas as profes-

meu sol e o meu bordão, se a tua voz e o teu sorriso me prendiam o coração no maior encanto e extase, se o teu espirito era o lucido espelho onde eu me queria ver reflectida incessantemente, porque me fugiste bradando que me amavas mas que os ciumes te lace-ravam! Ciumes!... Zê-los!... Tiveste os tu de mim, que te amava até á loucura, que não tinha um pensamento nem um desejo a que te não ligasse estreitamente! de mim... que só para ti vivia! ai! e que por ti morro!...

Mandaram-me para este campo para me curar... para enganar a doença... mas o meu abatimento e a minha fraquesa são ta-manhos que não sol ha por mais quente nem ar por mais puro que me revigorem os mus-culos lassos; que me restituam a alegria de viver e a saude florescente que eu tive outro-ra, quando era nos teus braços que ia escon-der a minha ventura e nos teus labios que ia beber a minha vida!

Partiste! E tudo me diz que não voltas... Em cada trilo de ave eu descubro ironias de creança e maldades innocentes, porque elas estão cantando sem pesares nem dores em quanto a alma se me esfacela nas convulsões do desespero!

Ai! Não voltas!—Eu bem sei que é em vão que ergo as minhas preces e sem remedio que me torturo e consumo nesta saudade mortal! Interrogo com o olhar numa fé toda infantil

ras, se introduzissem esta bela instituição na escola primaria.

E depois de uma breve resenha da historia evolutiva do homem atravez da sociedade, e de acentuar as tendencias naturais de todos os seres para viver em comunidade, apresenta aquelas pequenas instituições como as bases mais solidas e eficazes da «mutualidade escolar».

Subordinada ao tema «critica historica do reinado de D. Carlos» usou da palavra a sr.^a D. Palmira Lourenço. Apresentou o reinado daquele monarca como a continuação dessa decadencia que desde D. João III se manifesta, apenas interrompida pela figura gigantesca do marquês de Pombal, para logo novamente cair nessa letargia percursora da morte.

Mas acaso poderia sosobrar um povo que descendia de homens como Camões, Hercula-no, Garret, Bernardim Ribeiro, Sá de Miranda e tantos outros?

Não decerto, e ele assim o compreendeu quando dava o golpe fatal nesse putrido e velho regimen da reallea, essa fonte esbanjadora que lançara indifferente atravez da ignomia, o já depauperado e fatigado erario.

E depois de breves considerações sobre a vida do monarca, termina censurando asperamente o seu procedimento perante os negocios e exigencias da nação.

Muito interessante foi tambem a conferencia da sr.^a D. Maria Machado sobre o «culto da arvore». Ao fazer a apresentação desse benefico ser vegetal, a conferente ludica a arvore como a meiga companheira do homem, quer como simples madeiro auxiliando-o na defesa da vida, quer lançando-o no primeiro batel ao seio das ondas no caminho das aventuras.

Citou os cuidados que já na antiguidade a Grecia e Roma lhe dispensaram, seguindo-lhe mais tarde o exemplo o resto da Europa depois que a revolução francesa a adotou como simbolo das suas aspirações democraticas.

E depois de enumerar todas as suas vanta-gens apela para a professora primaria para que esta inculca na alma da criança o respeito e culto que é devido á arvore!

Por ultimo a sr.^a D. Amalia Sant'Ana apresenta as «vantagens do ensino neutro em materia religiosa na escola primaria».

Começando por indicar os principios de moralidade em que assentava a doutrina de Cristo, citou a preponderancia de que gosou sempre a classe ecclesiastica e as lutas que o fanatismo religioso tem ocasionado, as mais sangrentas de que a historia nos faz menção.

E depois de varias outras considerações sobre religião e moral termina fazendo a apolo-gia do «ensino neutro na escola primaria».

Todas as conferentes teem feito as suas dissertações de fórma a agradarem, salientando-se, como era de esperar, as que melhores do-tes de eloquencia e aptidões intellectuais possuem. E pelos seus esforços e boa vontade mostram assim o empenho sincero que as anima de concluir os cursos mais brilhantes possiveis.

Ja depois de redigida esta secção se efectua-ram duas interessantes conferencias cujo relato devera sair no proximo numero.

Lamento sinceramente não poder ser tão

a curva desmaiada do horizonte, esperando sempre com a ancia do naufrago, ver assomar ao longe, muito ao longe, o teu vulto adorado, —a minha estrela feiticeira precussora da bonança neste mar revolto de maguas...

Debil e falaz esperança!

—Para onde foste que nem os ecos te chegam de tanta suplica e ai?
—Que loucura esta de escrever-te cartas que jámais serão lidas, cartas que não teem direcção nem destino...

E este céu azul onde eu pouso os olhos cansados, estas roseiras floridas que gritam a alegria duma nova primavera, estes caminhos sombreados e as caricias destas virações sub-tis, avivam-me sem dó nem piedade a recordação daqueles dias felizes em que percorriamos á ventura os campos e os bosques da estancia maravilhosa onde pela vez primeira nos encontramos!

Meu amor, meu amor! Estas flores rosadas, lindas que brotam de cada tronco, são a imada alegria, são festivas como a mocidade!

Mas o outono que não vem longe ha-de desnudar esses troncos, e em cada sopro de vento ha de perpassar um soluço de agonía...

—E ha de ser então, por uma dessas tardes melancolicas, que eu hei de partir tambem com o desanimo e a palidez duma folha já exausta de seiva...

Ofelia

FOLHETIM N.º 6

CARTAS DE AMOR

Quantos anos passaria já sobre estas velhas e amareladas cartas que um coração juvenil e apaixonado outrora traçou! Quantas auroras e quantos crepusculos devem ter beijado o frio marmore ou a dura terra onde repousam os restos desse corpo, que a nossa imaginação torna lindo, na inata tendencia de aliarmos a beleza do interno á beleza do externo...

Nem dia, já bem longinquo, tive este legado de cartas, Quem mas entregou conservava-as como uma reliquia, e ao dar-mas, com a mão tremula e o rostinho de velha rugoso e comovido, implorou-me com lagrimas na voz, que lhes consagrasse tantos zelos e cuidados quanto ela lhes consagrara... e mais acrescentou, num devaneio meio louco, sorrindo ás visões daquele cerebro caçado, que jámais se perpetuaria na terra um amor como o daquela apaixonada, que diluira o seu coração em lagrimas e a sua alma em lamentos!

—Permite-me, ó martir ideal da paixão e do sonho, que desfaça o laço desbotado que cinge as tuas preciosas cartas, e que as ofereça assim envoltas na sua poeira de sonho e

extensa quanto desejava e o tema a que subordino esta ligeira critica merecia, mas o trabalho a que me sujeita a preparaçao do exame, obsta de todo em toda a satisfacão desse desejo e ao cumprimento desse dever.

Lucinda Dias

EM FOCO

Passa .. não passa... é a frase que por esta época corre de boca em boca.

E ha orações e promessas apesar do tempo de heresia em que vivemos, por que ha menina já muito *passadinha* nesta questao da cabulice e que ainda deseja passar, mesmo do *debaixo da mesa* que seja...

* Dilata-se-me a alma e o coração bate-me apressado a mais fagueira ventura que raro lhe é dado gosar!

O ceu parece-me mais azul e mais ridente, a briza mais travessa... e a vida mais tentadora! E tudo isto porque a mão de Deus agrava nos espaços esta palavra: — *Férias!*

* Ai! Fagundes, minha adorada! Quando o teu vulto mimoso perpassa ante a minha vista o meu coração ajoelha e ora, porque tu és a encarnação do ideal e da belesa!

Ajoelha e ora o meu coração... porque nunca se viram labios tão lindos dizer maior somma de mentiras, e alma tão pura albergar mais lixo e vaidade!

— E o meu coração adora prostrado o sublime!

* Que se ha de chamar a uma *normalista* que se envergonha de o ser?...

— *Anormalista!* — dirão todos. Pois é verdade! existe entre nós uma descendente directa dos seus avós, que espera a saída da ultima aluna para então se *evadir*, porque não deseja que a confundam com esta multidão plebeia...

* Usam-se muito este ano uns chapelinhos azuc em forma de abatjour, que são mesmo uns *morsinhos*...

* A D. Inês quando vae para a Opera leva sempre umas farripinhas que lhe ficam mesmo a matar...

D. Inês, D. Inês! Ou deve aumentar a testa ou suprimir as farripas, porque senão chamam-lhe *cabecuda*, visto todos julgarem que nasceu sem testa!

* A sciencia popular diz que *quem muito lê, trespá*... O mesmo deve acontecer ás pobres das terceiranistas!

A DEUSA DAS NOITES

Todos os que são dotados duma alma sensível ao belo, não podem deixar de tecer elogios á rainha das trevas, quando por uma noite serena e pura, mostra sem veus a sua face prateada!

Quem, ao contempla-la, não deixa voar a fantasia até ás suas regiões siderias!

E quantos não tem visto á luz palida de seu rosto melancolico, vaguear pelo além os espiritos ligeiros dos entes queridos que se foram! A companheira solitaria dos contritos que Morfeu não consegue subjugar, quem é senão tu, oh! lua!

Em ti têm os poetas de todas as eras encontrado fontes de inspiração para os seus melhores versos, e é em ti também que se vão encontrar os olhares saudosos dos que a força implacavel do destino traz separadas. Mas apesar de todos te amarem e desejarem, ha quem tenha ousado cobrir-te de afrontas, chamando-te *cadaver macilento* e atribuindo-te uma accção funesta sobre o tempo, os animais e as plantas. O certo é, que ninguem póde com firmeza armar-se em teu defensor, porque ligando os factos ás opiniões populares, estas parecem confirmar-se.

Os filosofos antigos consideravam a lua como um lugar escolhido, para onde Deus mandava os que na terra tinham cingido o fulgurante diadema do tempo.

O nome das manchas escuras produzidas pelas cavidades que se encontram á sua superficie, indica o espirito poetico dos seus primeiros observadores, pois lhes chamaram: *mar de nectar*, *mar das tormentas*, *mar da*

serenidade, etc. Ora estes mares, segundo nos diz a estenografia moderna, não são mais do que vales profundos e insoneáveis abismos, onde a luz do sol não penetra, tais como os teria a terra, se o mar se secasse de repente. Fourier, o grande socialista que quiz levar o seu orgulho para além dos limites terrestres, chegou a dizer que só a falta de amor dos civilizados por tudo o que é verdadeiramente belo, póde contribuir para eles adorarem esse orbe desmaiado que muitas vezes compromete a primavera com as suas tardias choramingas, prejudicando as colheitas e por conseguinte o homem e os animais.

Não bastava já a calunia popular para te macular e desvirtuar, ó lua, ó espirito ideal das noites! não bastava... porque até Fourier com a sua fria indiferença de sabio pretende negar a maravilhosa influencia dos seus effluvios luminosos sobre os espiritos cultos, apodando-os de maus estetas...

No entanto, ó lua branda e triste! has-de ser tu eternamente a testemunha sagrada dos mil juramentos de amor... e o teu rosto sereno e livido que os poetas invocam e os sonhadores adoram, reflectidoem traços ondulantes na superficie irisada das aguas—calmo, tranquilo, como um misterio de morte, milhares e milhares de vezes ainda rolando em torno da Terra, lhe abafará os lamentos e dissimulará a podridão...

Funchal, abril de 1913

Amalia da Veiga Pestana

Da Escola normal do Funchal

Nuvens...

As nuvens... oh! são tão belas...
Quem me déra dentro delas
ir, qual príncipe encantado...
nas nuvens! p'lo mundo fóra
correr sempre, a toda a hora...
quem me déra a mim — coitado!

As nuvens! — cousa mais linda!...
São duma expressão infunda
de meiguice, de bondade.
As nuvens! — cousa mais bela!...
Ruge-lhes dentro a procéla,
estrondeia a tempestade.

Vêde no ceu cor d'anil
pequeninas nuvens mil
a constetá-lo... — que amor!
Vêde-o, porém, já cinzento,
dum tom negro, violento
de trovoadas... — que dor!

Fustiga os álamos forte
o vento feroz do norte,
regéla, adormece, mata...
E as nuvens? — Ei-las medonhas,
enormes negras, tristonhas...
sem já ter os tons de prata.

Mas no ocaso — á tardinha...
a brisa corre mansinha —
são tão lindas, cor de rosa,
esbatendo-se suaves
dos tons tenues aos gráves,
qual «palêta» caprichosa!...

Vêde o quadro assim: do norte
o «negro» vem, meio forte,
e do nascente também.
— Azul limpido, sereno —
Um fresquinho breve, ameno
nasce já do sul, alem.

No poente — que formoso!
sente-se o homem ditoso,
esquece as maguas que tem... —
pelas nuvens coroadas,
formando um docel rosado,
já se esconde o sol, alem.

O'ha que bello! no espaço,
desenhando fitas d'ago,
perpassam mil avesinhas...
— a silhueta dos montes...
— o meigo cantar das fontes...
— ao longe brancas casinhas...

Foi-se embora o sol. Agora
já se vem chegando a hora
de dormir a natureza.
Que val' poder e dinheiro
ao pé deste bem fagueiro,
sendo nuvens a riqueza?

O' nuvens! vós sois tão belas,
sois tão simples, tão singélas,
sois mimosas, de encantar!
Sendo assim, quem desta sorte
poderá, por muito forte,
é nuvens, não vos amar?...
Flip.

SECÇÃO HUMORISTICA

O namorado da filha de um medico dirige-se ao consultorio deste:

— Ola! — diz-lhe o medico; — por aqui?!...
Então que temos?...
— Venho pedir-lhe a mão de sua filha.
— Ah! sim?... O senhor tem bom apetite?
— Magnifico.
— E tranquillidade de espirito?
— Também.
— Não tem nada que o aflija?
— Não senhor.
— Bem: dou-lhe a mão de minha filha que tudo isso ha-de passar-lhe.

Combinada

- 1.ª + mo = deserto
- 2.ª + pra = fructo
- 3.ª + no = vaso
- 4.ª + ta = no leite

=(nome de mulher)

Frases e ruas

Formar o nome d'uma via publica de Lisboa com as letras da seguinte frase:

Doma a liva da nória

Formar o nome d'uma via de Lisboa com as letras da frase seguinte:

'Inda rui na faca

Acrostico

.....A
.....R...
.....T...
.....E...
.....S...

Erazan.

Paronimo

Ofereça bolos aos meus parentes — 2.

Em frase
Numa cidade qualquer e na Moita ha muito marisco—2—1.

Truncada

Tenho na boca um tumor—3.

Saltitante

1—2—3—4—5

5—4—2—3—1

Vou alisar a palha.

Aumentativa

Ha grande desordem por causa do insecto —2.

A menina do mano.

Conceitos do n.º 2 da Secção Humoristica:

I Chalupa—II Opa.—III Córtes—IV Pez.

Acrostico

FELIX
EZEQUIEL
VIRGILIO
CRISPIM
VENCESLAU
APOLINARIO
LEOPOLDO
FABIÃO
LADISLAU
GODOFREDO
ISAAC

Maçadas geograficas

I Portalegre.—II Rua Passos Manuel.

Acrostico

Como por esquecimento da Revisão se deixaram aumentos e omisões de pontos no acrostico: *Os Luziadas*; não podemos dar hoje o seu conceito, e tencionamos apresentá-lo emendado á paciencia dos nossos leitores no proximo numero.

Combinada

Pintura.

Nomes de terras portuguesas

I Loriga.—II Alfiates.—III Lisboa.—IV Lagos.

O' matadores sêde diligentes, que a par do vosso nome no quadro de honra lendes reservado um surpreendente prémio!

A POLICOMERCIAL

Rua d'Alcantara, 41-A a E

LISBOA

Papelaria, livraria, tipografia, encadernação, estereotipia e fabrica de carimbos de borracha

O maior estabelecimento do seu genero, no bairro. Trabalhos de luxo e simples.

Especialidade em trabalhos para artistas teatraes

Manda tomar e entregar encomendas a casa dos clientes

TELEFONE 3362

PARIS EM ALCANTARA

Fazendas, Modas, Confecções, Luvaria

Gravataria, Camisaria,

Retrozeiro e Alfayataria

Enorme sortimento em artigos para bordados, a matiz e a branco

GONZAGA & SOUZA, SUCCESSOR

Recebem-se todas as fazendas que sejam vendidas n'esta casa logo que o freguez prove
NÃO SEREM mais baratas e melhores do que n'outro qualquer estabelecimento

44, RUA DO LIVRAMENTO, 46

(Em frente da Pharmacia Drack & Bairrão)

LISBOA

Águas medicinaes nacionaes e estrangeiras

VINHO IODO-TANNICO PHOSPHATADO

Succedaneo do Oleo de Figados de Bacalhau

Grande sortimento de fundas para homens, senhoras e crianças, borrachas, cintos umbilicaes e abdominaes, suspensorios, irrigadores diversos, pulverisadores tira-leites, seringas, thermometros clinicos e vinho do Porto genuino.

Artigos de Perfumaria e de Hygiene vende-se na

Pharmacia Drack Bairrão

25, RUA DO LIVRAMENTO, 27

TELEPHONE 2902

Consultas medicas diarias

LIVROS DE ENSINO

DO

Professor ULYSSES MACHADO

Calçada do Marquez d'Abrantes, 43-3.º - LISBOA

Caderno com 615 problemas e exercicios d'aritmética para a 2.ª classe. 6.ª edição, 70 réis.
 Dois cadernos com 1:706 problemas e exercicios d'aritmética, para a 3.ª e 4.ª classes, 25.ª e 12.ª edições, cada um, 120 réis.
 Três cadernos com 2:018 problemas e exercicios d'aritmética para as escolas normais, liceus, etc., 1.º, 2.º e 3.º anos, cada um, 180 réis.
 O autor oferece **gratuitamente** a todos os professores os livrinhos com os resultados correspondentes a cada caderno, quando lh'os peçam.
 Gramatica ensinada pelos exemplos, para a escola primaria, ilustrada com 117 gravuras, ao alcance de todas as inteligencias, 8.ª edição, cada exemplar cartonado 250 réis.
 Gramática Portuguesa oficialmente aprovada para as escolas normais e distritaes, um volume encadernado em percalina, 1,500 réis.
 Gramática Portuguesa aprovada oficialmente para o 2.º ano do curso secundario dos liceus; um volume encadernado em percalina, 450 réis.
 Gramática Portuguesa em harmonia os com programas do 1.º, 2.º e 3.º anos do curso secundario, 1 volume encadernado em percalina 600 réis.
 Aritmética pratica e geometria, ilustradas com 100 gravuras, aprovadas oficialmente 4.ª edição, para o ensino primario, cartonada, 250 réis.
 Segundo livro de leitura, ilustrado com 310 magnificas gravuras, aprovado oficialmente para a 2.ª e 3.ª classes (exame do 1.º grau), cartonado 400 rs.
 Terceiro livro de leitura profusamente ilustrado com magnificas gravuras, aprovado oficialmente para a 4.ª classe (exame do 2.º grau), carton. 400 rs.
 Primeiro livro de leitura para a 1.ª classe, aprovado oficialmente ilustrado com 140 magnificas gravuras, 120 réis.
 Noções de Versificação, em harmonia com os programas do ensino secundario, 100 réis.
 A' venda nas principaes livrarias e no Depósito Geral em LISBOA—LIVRARIA RODRIGUES & C.ª, Rua do Ouro, 186 e 188.
 Aos srs. professores desconto de 10 p. c. e porte franco.

Obras para o ensino primario

POR
AUGUSTO LUIZ ZILHÃO

Regente da Escola Central n.º 2 e professor interino da Escola Normal Feminina de Lisboa

Caderno de exercicios de aritmética para a 1.ª classe.....	50 réis	Caderno de problemas e exercicio de aritmética para 3.ª e 4.ª classe.....	100 réis
Caderno de problemas e exercicios de aritmética para 3.ª e 4.ª classe.....	80 "	Noções elementares de aritmética e geometria (oficialmente aprovados).....	250 "

O AUXILIAR DO PROFESSOR com o resultado dos problemas e mais exercicios dos cadernos e a indicação da operação que deve fazer-se nas resoluções dos problemas, GRATIS. Todas estas obras trazem já as alterações do sistema métrico e o novo sistema monetário,

A' venda nas principaes livrarias

Descontos excepcionaes e porte franco aos professores e directores de collegios

O AUXILIAR DO PROFESSOR remete-se aos professores que se dirijam ao autor

Rua das Gaiotas, 8

"TERRA LIVRE,"

Semanario anarquista

(PUBLICA-SE ÀS QUINTAS-FEIRAS)



Órgão de luta social e economica, de opposição a toda a especie de governo.

Tribuna de livre discussão para uma investigação sincera da verdade.

Unico jornal que pugna pela emancipação integral da mulher.

Colaboração dos mais avançados escritores portugueses e de alguns dos mais notaveis agitadores revolucionarios do estrangeiro.

- * Ciencia * Sociologia
- Arte * Educação
- * Literatura *
- * Critica *

A' VENDA NA RUA,
 NOS QUIOSQUES
 E TABACARIAS

AGENTES
 EM TODO
 O PAÍS

PREÇO

1 mez.....	100 réis
3 mezas.....	300 "
6 ".....	500 "
12 ".....	1000 "

Numero avulso 20 réis

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua das Gaveas 55, 1.º

LISBOA

PAPELARIA E TIPOGRAFIA

DE
M. CORRÊA DOS SANTOS

ARTIGOS DE ESCRITORIO E CANETAS COM TINTA
 TRABALHOS TIPOGRAFICOS EM TODOS OS GENEROS
 Especialidade em impressos para o comercio

Completo sortimento de papeis nacionaes e estrangeiros. Livros de escrituração. Copiadores de cartas e facturas. Livros de letras a pagar e receber, etc.

BILHETES POSTAES ILLUSTRADOS (AS ULTIMAS NOVIDADES)
 VENDEM-SE Facturas consulares brazileiras, Guias do Caminho de Ferro do Norte e Sul, Listas para inscrições e Telegramas.

10, RUA DA PRATA, 12—LISBOA

(PRIMEIRO QUARTEIRÃO VINDO DO T. DO PIÇÓ)

TELEFONE 3350

"Educação feminina,"

PREÇO D'ASSINATURA

Por 3 mezes.....	200 rs
Por 6 mezes.....	400 rs

(Pagamento adeantado)

Quinzenario das normalistas de Lisboa

Redaç. Administração, Rua do Comercio, 31, 3.º

Ex.ª Sn.ª *Biblioteca Nacional de Lisboa*